

COLEÇÃO

# 7 IRMÃOS



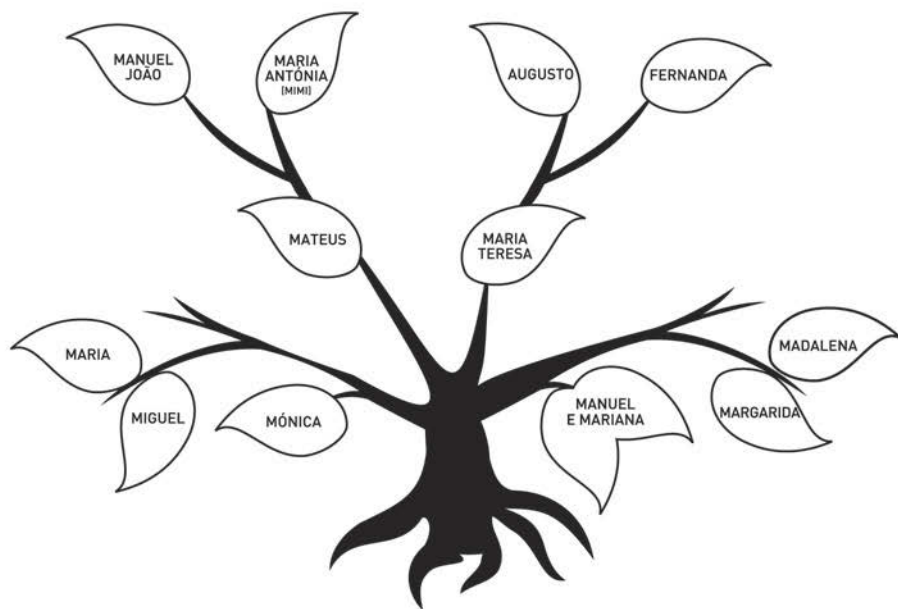
## MARIANA E MANUEL numa curva do caminho

Margarida Fonseca Santos  
Maria João Lopo de Carvalho

O	F	I	C	I	N	A
D	O	L	I	V	R	O

Conheces a Família dos 7 Irmãos?

Aqui vai...





## 1.

A Mariana parecia satisfeita com o que acabara de fazer. Tivera bastante trabalho, mas tinha valido o esforço! No entanto, olhando para o papel e revendo o que escrevera, uma ruga marcou-lhe a testa: estava com dúvidas.

– Não sei se vale a pena pôr isto... – disse em voz alta, embora falasse sobretudo consigo mesma.

– O quê?... – perguntou o Manuel, levantando os olhos do livro. – Lia com interesse uma pequena biografia de Nelson Mandela. – Estás a fazer trabalhos?! Nas férias de Natal, Mariana... Nem parece teu!

– Parvo! Claro que não! Estive a preparar esta coisa...

– Que coisa?

– Ora ouve:

E, sacudindo os papéis como um político, leu:

– “Família Machado. Pai – Mateus, 46 anos, dirige uma empresa de publicidade. Maria Teresa, a mãe, também

conhecida por Teté, ilustradora *freelancer*, idade indefinida.”

– E comentou: – Não se diz a idade das senhoras...

Voltando os papéis, a Mariana continuava a ler com uma voz firme:

– “Filhos, sete. Maria, a mais velha, com dezanove anos, de momento a estudar Direito em Lisboa. Miguel, dezoito, a frequentar o 12.º ano, futebolista em franca ascensão. Mónica, dezasseis, muito dada ao desporto e aos animais, possível veterinária no futuro. Gémeos de quase treze, a completar dentro de pouco tempo, Mariana e Manuel são gémeos falsos e têm personalidades muito diferentes, frequentam o 7.º ano.”

A Mariana olhou para o irmão e esclareceu:

– Nem penses que vou dizer as cenas das notas, não interessa a ninguém a minha negativa a Português e a Matemática. Nem sequer o teu cem por cento a História. Continuando...

– “Margarida, nove, a frequentar o 4.º ano, menina mimada. Madalena, três, aspeto cigano, embora seja desta família. Alice, idade indefinida, muito velha até, vive com a família desde sempre. Hans, alemão, nunca morou na casa a não ser neste ano, frequentando a mesma escola dos filhos do casal.”

– Grande seca! – exclamou o Manuel. – Isso é para quê?!

– Para os Censos!

– Hã?!

– Estou a adiantar trabalho, não percebes? Só tenho um problema... Não sei quem é que estará em casa no dia 21 de março... Fica essa parte por responder.

– Mas os Censos foram em março, há meses, não são para o ano!!! Ai, Mariana, as ideias que tu tens!

– E quem é que te garante que não fazem isto todos os anos? É uma coisa muito importante, saber quantas pessoas há em cada casa, o que fazem, se vivem bem ou mal, se têm condições, se... Ah!!!

– O que foi agora...?

– Esqueci-me do *Mister!*

– Eu não acredito – desabafou o Manuel, em voz baixa. – Até o desgraçado do cão fica preso nos Censos...

– A *Estrelinha*... pois, coitada, já não entra...

– Tem juízo!!!

– Eu estou é muito preocupada com uma coisa... Se no dia 21 de março a Maria não estiver cá, conta na mesma?

– Esquece, Mariana, esquece – pediu o Manuel, tirando-lhe os papéis da mão e encaminhando-se para fora da sala. – Os Censos já passaram e não vai haver mais tão cedo. Arranja outra parvoíce qualquer para fazeres...

Numa atitude de provocação, o Manuel fingiu ir em câmara lenta, de papel no ar, para logo apressar o passo. A Mariana não resistiu, já se vê. Largaram os dois a correr pelo corredor, pois a rapariga não queria perder o seu precioso inventário familiar, e o Manuel estava com uma

enorme vontade de a irritar. Tiveram de fazer uma travagem brusca, chocando um contra o outro. Num triciclo que chiava a cada pedalada, a Madalena, acabadinha de sair da cozinha, preparava-se para um grande *sprint* corredor fora. Era ali que conseguia ganhar velocidade nos dias de inverno em que não a deixavam andar lá fora.

– Apanhei-te! – gritou a Mariana, recuperando os papéis, enquanto o Manuel recuperava o equilíbrio para não cair em cima da irmã pequenina. – Madalena, devias tocar a campainha nas curvas...

– Não tem! – disse a Madalena, levantando as mãos e os ombros. – Sai!!!

E, contornando os irmãos, voltou à sua marcha apressada pela passadeira até à sala. O chiar dos pedais aumentava com a velocidade.

\*\*\*\*\*

Quando a porta se abriu, a voz da Maria encheu a entrada.

– Não está cá ninguém?

Atrás dela, o Mateus pousava a mala no chão e as chaves na mesinha antiga que decorava aquele espaço.

– Eu achava que sim – disse. – Vê lá na sala...

Quando a Maria entrou, foi atacada por todos os irmãos, sem exceção, pois o Hans não hesitava em participar nas brincadeiras e considerava-se um deles.

Abraços e cócegas torturaram a rapariga durante vários segundos.

– Parem!!! Ai... Parem... *Please*... Vá lá!!! Parece que não me veem há séculos! Que malucos!

– Estiveste três semanas sem vir a casa, maninha, agora tens de sofrer – esclareceu o Miguel, rindo-se, mas desistindo logo da brincadeira.

– Colo – pediu a Madalena.

– Colo? Ó Madalena, já estás muito grande!!!

– Como se isso a desmotivasse... – comentou a Mónica. – Anda de todo...

– Maria, vais estar cá em casa no dia 21 de março? – atacou a Mariana.

– Oh, não! – ouviu-se em coro.

O pai riu-se e piscou o olho à Mariana. Ela já tinha percebido que os Censos tinham terminado, era só uma forma de provocar a família, e o pai alinhava na brincadeira. Poderiam fazer render aquele assunto, para desespero dos outros, durante bastante tempo.

– A mãe?

– Deve estar quase a chegar – explicou o Manuel. – Foi só levar umas aguarelas para digitalizar na editora.

– Aguarelas? E eu não vi nada... – queixou-se a Maria. – Estavam giras?

– Claro – respondeu a Mariana. – Um espanto. Era uma história especial, a mãe disse que só conseguia pintar assim, de pincel na mão, não foi, pai? – A um aceno

afirmativo do Mateus, a Mariana rematou: – Mas a mãe depois mostra-tas.

À porta da sala, apareceu a Alice. Vinha com um ar afogueado, muito vermelha.

– Ora... minha querida, nem ouvi a porta... Fez boa viagem?

A Maria não respondeu e limitou-se a abraçá-la, o que ainda provocou mais calor à Alice. Estava de volta de um assado e a preparar brócolos para cozer. Contudo, lembrando-se de uma coisa de repente, a Maria olhou para o Hans:

– Tu não disseste qual era a surpresa para a Mónica durante estas semanas, pois não? Olha que eu desfaço-te!!!

– Não, não... Eu não *fazer* nada disso! Só dia de Natal, eu *jurar*...

– Já lhe pedi imensas vezes – esclareceu a Mónica.  
– Não diz nada!

– Eu por acaso acho que já descobri... – disse a Mariana, com um ar malandro. – Mas não te preocupes, Hans, não digo a ninguém!

O grande problema era conseguir apagar o ar de pânico que se instalara no rosto do pobre rapaz – se era verdade, a coisa podia correr de forma muito diferente do que ele planeava...!

– *Relax*, Hans!!! – insistiu a Mariana. – *My lips are sealed*... Da minha boca não sai nada.

E, fazendo um gesto elucidativo, que a Madalena imitou de seguida, saiu da sala.



\*\*\*\*\*

O dia não podia estar mais cinzento. A chuva advinhava-se no ar pesado, e o Manuel não conseguia concentrar-se nos seus pensamentos. Começara a escrever um texto para apresentar na aula de Língua Portuguesa sobre a leitura de um livro de Maria Teresa Maia Gonzalez, *Poeta às vezes*, que trata da difícil questão da homossexualidade, da dificuldade que os jovens têm com isso, como pedir ajuda, como falar, e do respeito pela diferença. Contudo, o problema do Manuel era bem diferente...

Tudo se resumia a uma rapariga, de nome Anastasiya. De origem ucraniana, viera parar ao 7.º B no fim do mês de novembro. Falava um português mais correto do que alguns colegas, o que era surpreendente!, e dominava a linguagem escrita como se fosse o seu próprio idioma. Sim, o Manuel sabia que ela chegara a Portugal há três anos, embora a Vale de Nabais apenas naquele momento. Mas a forma como falava era mesmo impressionante para tão pouco tempo.

Tudo muito óbvio, menos aquele desassossego dentro dele... O seu namoro com a Carolina não durara muito, mas ainda eram novos, pensou. Continuavam amigos, era verdade, mas já não sentiam nada de especial. Aprendera algumas coisas interessantes, que não vinham em livro nenhum que tivesse lido: as raparigas são muito imprevisíveis; gostam de alguma atenção e até, por vezes, de muito pouca,

para depois apreciarem mais o reencontro; os beijos... esse era um assunto sério; prendas... só às vezes.

Revirou o livro nas mãos. Entendia bem o dilema ali retratado, imaginava o sofrimento de quem lutava para não ser posto de parte pela sua sexualidade, pensava mesmo se haveria colegas dele a passar pelo mesmo sem que ele notasse. Mas não conseguia concentrar-se para escrever o texto que prometera à professora – a Anastasiya era mais forte. E porquê?

Ora porquê...?! Fora uma coisa instantânea!!! Quase mágica. A professora trouxe-a consigo no primeiro tempo da manhã e apresentou-a à turma. Avisou que aquela miúda os ia bater a todos nas notas, o que o Manuel duvidava, e pediu-lhe que viesse à frente da classe contar um pouquinho de si.

A história era igual à de tantos outros imigrantes de Leste: pais em busca de um trabalho estável, deixando de parte as profissões que tinham antes, haviam chegado de mangas arregaçadas para deitar mãos à obra a qualquer outra coisa. No caso da Anastasiya, o pai era engenheiro e a mãe enfermeira, mas ambos trabalhavam na fábrica de vestuário de Vale de Nabais.

O problema fora mesmo aquele olhar doce. O Manuel não achava a rapariga bonita, e tinha consciência de que os seus colegas rapazes a tinham achado muito feiinha, como diziam. No entanto, ao cruzar o olhar com o dela, algo mudou dentro si. E começara o suplício...

Não eram só aqueles olhos, era também aquela cabecinha! Inteligente e rápida, tinha uma cultura extraordinária e, o melhor de tudo, gostava de conversar com ele! Entornara-se o caldo nesse instante.

– O que é que estás a fazer? – perguntou o Miguel, ao vê-lo a olhar pela janela. – Pareces um poeta apaixonado, Manel!

– Eu?! – O coração disparou. Já sabiam! – Foi a Mariana que te disse? Ela já reparou?! Estou perdido...

O Miguel desmanchou-se a rir.

– És tão palerma, pá! Foi só uma frase... Mas já percebi que vamos ter uma conversa.

– Uma conversa?... Porquê?

– Uma conversa de homem para homem – realçou o Miguel, sentando-se mesmo em frente do irmão. – Conta-me!

Pobre Manuel...! Que fazer? Nada! O Miguel esperava... E o desgraçado, tropeçando nas palavras e nos pensamentos, contou...

\*\*\*\*\*

– Esperem só um bocadinho... – pediu o Miguel, desesperando os outros.

– Ó Miguel, despacha-te! Vais desarrumar tudo e depois não dá em nada... É sempre assim!!!

– Quietos! Não podes tirar daí o *joker* – advertiu o Manuel. – Pousa lá a pecinha onde ela estava...

A Mónica, o Miguel, a Maria e o Manuel estavam a jogar *Rummikub*. Diante deles tinham as peças com números, em quatro cores diferentes, agrupados em sequências ou conjuntos. O Miguel tentava descobrir a melhor forma de encaixar a peça que segurava... e demorava!

Na mesa pequena perto do sofá, a Teté, a Mariana e a Margarida jogavam aos pares, o que se tornava muito difícil, com a Madalena a querer sempre virar as cartas todas. Num canto, o Hans e o Mateus, de sobrolho carregado, defrontavam-se no tabuleiro de xadrez. O *Mister*, aborrecido por não ter com quem brincar, adormecera enroscado frente à lareira. Podia mesmo ver-se fumo a sair do pelo, de tão perto que estava do lume.

– Ah... não dá... – constatou o Miguel. – Desculpem!

– É sempre assim! – ralhou a Mónica. – Põe lá tudo como estava, que eu tenho uma coisa fenomenal para fazer. Depressa!!! Assim ainda me esqueço da jogada que pensei!

Foi preciso a ajuda do Manuel para repor as peças no sítio original. A seguir, o Miguel retirou uma do monte, desolado. A sua régua estava cheia de peças por arrumar. Mas a jogada da Mónica foi decisiva. Depois de muitas trocas, de várias ordenações de cores e números, aí estava! Virando a sua régua vazia, gritou, vitoriosa:

– Ganhei!!!

E logo ali começou a dançar, como uma baiana, feliz.